

DADOS SOBRE O AUTOR

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu no Recife (Pernambuco) em 1886 e morreu no Rio de Janeiro em 1968. Passou sua infância no Recife, tendo se mudado para o Rio de Janeiro com sua família quando adolescente. Veio para São Paulo cursar Escola Politécnica que abandonou em 1904, aos dezoito anos, por causa da tuberculose. Em 1912, estando na Suíça a tratamento, familiariza-se com a poesia simbolista e pós-simbolista em língua francesa. Esse contato influenciou muito sua produção poética, notadamente seus primeiros livros: *Carnaval* e *Cinza das Horas*. Voltando definitivamente para o Rio de Janeiro, trava amizade com escritores como Ronald de Carvalho, Graça Aranha e outros que, junto com ele, participam das mudanças literárias que culminaram com o Modernismo. Empregando o verso livre (sem métrica) e branco (sem rima), além da ironia, foi escolhido pelos participantes da Semana de Arte Moderna como o “São João Batista” do grupo. Não participou pessoalmente da Semana por discordar do tom destruidor do grupo, porém seu poema *Os Sapos*, nítida crítica aos parnasianos, foi apresentado na primeira noite do evento por Ronald de Carvalho, sob vaias.

Sua vida esteve sempre ligada à literatura, quer como autor de poesias, crônicas literárias, obras didáticas de nível superior e traduções, quer como professor do colégio Pedro II e da Universidade do Brasil.

OBRAS PRINCIPAIS

1917 – *Cinza das Horas*

1919 – *Carnaval*

1924 – *Poesias (incluindo Ritmo Dissoluto)*

1930 – *Libertinagem*

1936 – *Estrela da Manhã*

1948 – *Mafuá do Malungo*

1952 – *Opus 10*

1958 – *Estrela da Tarde*

1966 – *Estrela da Vida Inteira*

CARACTERÍSTICAS DE SUAS OBRAS

Manuel Bandeira difere de seus parceiros da 1ª fase do Modernismo brasileiro em virtude de ter-se voltado para sua realidade interior e tentar explicar-se.

Sua vida foi marcada pela tuberculose mal-curada e pela perda de seu pai e irmãos, entre 1918 e 1922, que lhe parece ter dado um desejo de deserta da vida. Sua obra confunde-se com sua existência, levando-nos a identificar o “eu-lírico” de seus poemas com o próprio poeta.

Libertinagem é composto por 38 poemas, sendo dois em francês. É nesta obra que Bandeira configura-se como um autor verdadeiramente modernista, quer nos temas, quer na forma.

Os temas são os mais variados, tais como:

— A infância, as pessoas ligadas a ela e sua cidade natal, que servem de refúgio ao “eu-lírico” (poeta descontente e infeliz); esses elementos aparecem como lenitivo de sua dor no presente.

Poemas: *O Anjo da Guarda, Porquinho-da-Índia, Evocação do Recife, Profundamente, Irene no Céu, O Impossível Carinho, Poema de Finados*.

— Imagens brasileiras, que evocam lugares, tipos populares e a própria linguagem coloquial do Brasil, transformando o cotidiano em matéria poética.

Poemas: *Mangue, Evocação do Recife, Lenda Brasileira, Cunhantã, Camelôs, Belém do Pará, Poema tirado de uma notícia de jornal, Macumba de Pai Zusé e Pensão Familiar*.

— Anseio de liberdade vital, onde o “eu-lírico” (poeta melancólico, solitário e irônico) extravasa seus ideais libertários quer de sentimentos e desejos vitais, quer estéticos.

Poemas: *Não sei dançar, Na boca, Vou-me embora pra Pasárgada, Poética, Comentário Musical e O Último Poema*.

— Visão desiludida e irônica da vida, mostrando uma melancolia profunda que gera, às vezes, uma visão surrealista com final inesperado ou um desejo de mudança.

Poemas: *Não sei dançar, O Cacto, Pneumotórax, Comentário Musical, Chambre Vide, Banheur Lyrique, Poema tirado de uma notícia de jornal, A Virgem Maria, O Major, Oração a Terezinha do Menino Jesus, Andorinha, Noturno da Parada Amorim, Noturno da Rua da Lapa, O Impossível Carinho, Poema de Finados e O Último Poema*.

— Amorosos, ora apresentando sentimentos puros e inocentes, ora apresentando imagens femininas eróticas.

Poemas: *Mulheres, Porquinho-da-Índia, Tereza, Madrigal tão engraçadinho, Na Boca e Palinódia*.

Em relação à forma, Bandeira não emprega nenhuma métrica padrão, variando da redondilha maior em *Vou-me embora pra Pasárgada* até versos de dezessete sílabas poéticas como em *Namorados*; dentro de um mesmo poema percebem-se inúmeras variações.

Há em alguns textos a preocupação com a disposição gráfica, como em *Evocação do Recife*. Tal preocupação não é revelada em relação à rima, porém sua maior expressão está na força da palavra. Esta é coloquial, cotidiana, mas empregada com brilhantismo, não desprezando seu aspecto sonoro, o que acaba por fornecer ao poema um ritmo pessoal e harmonioso que, somado à emoção, assemelha-se a uma canção.

ANTOLOGIA COMENTADA

Os textos que se seguem foram retirados da obra *Libertinagem & Estrela da Manhã* de Manuel Bandeira, da Editora Nova Fronteira.

Não sei Dançar

*Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
Tenho todos os motivos menos um de ser triste.
Mas o cálculo das probabilidades é uma pilhéria...
Abaixo Amiel!
E nunca lerei o diário de Maria Bashkirtseff.*

*Sim, já perdi pai, mãe, irmãos.
Perdi a saúde também.
É por isso que sinto como ninguém o ritmo do jazz-band.*

*Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu tomo alegria!
Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira gorda.*

Mistura muito excelente de chás...

Esta foi açafata...

*— Não foi arrumadeira.
E está dançando como o ex-prefeito municipal:
Tão Brasil!*

*De fato este salão de sangues misturados parece o Brasil...
Há até a fração incipiente amarela
Na figura de um japonês.
O japonês também dança maxixe:
Acugêlê banzai!*

*A filha do usineiro de Campos
Olha com repugnância
Para a crioula imoral.*

*No entanto o que faz a indecência da outra
É dengue nos olhos maravilhosos da moça.
E aquele cair de ombros...
Mas ela não sabe...
Tão Brasil!*

*Ninguém se lembra de política...
Nem dos oito mil quilômetros de costa...
O algodão do Seridó é o melhor do mundo?...Que me importa?
Não há malária nem moléstia de Chagas nem ancilóstomos.
A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
Eu tomo alegria!*

Petrópolis, 1925

O poema acima inicia a obra *Libertinagem* e já nos dá idéia de qual será o tom da obra.

À primeira vista, percebe-se um poema em versos brancos e livres, em que a estrofação é irregular, notando-se a preocupação gráfica do poeta.

O “eu-lírico”, impossibilitado de dançar (“Não sei dançar”), observa o baile carnavalesco tão brasileiro, onde tipos humanos dos mais diversos, como o japonês que mistura idiomas (“acugelê banzai”), a arrumadeira, o ex-prefeito, a filha do usineiro e a crioula imoral mesclam-se num mesmo ambiente, esquecendo-se da situação de seu país.

Assim como alguns empregam drogas para se livrarem da melancolia, o poeta “bebe” a terça-feira gorda que lhe entra pelos olhos. Seu tom é melancólico e irônico, chegando a Amiel, poeta suíço dono de espírito inquieto e ativo que constantemente era paralisado pela sua timidez mórbida, além de Maria, prosadora russa, em cuja obra citada no poema percebe-se a luta e o desespero de seu espírito inquieto e melancólico, tal como o do poeta.

Pneumotórax

*Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.*

Mandou chamar o médico:

— *Diga trinta e três.*
— *Trinta e três... trinta e três... trinta e três...*
— *Respire.*

.....
— *O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.*
— *Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?*
— *Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.*

Nesse poema, através de formas nitidamente modernistas — versos brancos livres — Bandeira mescla diálogo com frases afirmativas e recursos gráficos, empregando toda sua auto-ironia melancólica.

Nele, o “eu-lírico” desabafa no 2º verso todo o seu drama interior. “A vida inteira que podia ter sido e que não foi”. Isto é, aos desejos frustrados, aos sonhos não realizados do poeta só resta tocar uma canção trágica em homenagem.

Irene Preta

*Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.
Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.*

Irene preta é uma das figuras mais famosas e queridas da infância do poeta. Aqui, seu “eu-lírico” presta-lhe uma homenagem muito especial. **Atente para a linguagem coloquial com frases nominais.**

Poética

*Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações
[de apreço ao Sr.diretor*

*Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo
[de um vocábulo*

Abaixo aos puristas

*Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inúmeráveis*

*Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquíptico
Sifilítico
De todo o lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.*

*De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem
[modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres,etc.*

*Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados*

*O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare*

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Poética é a síntese da concepção de um poema moderno do autor, sendo, portanto, metalingüístico.

Para o “eu-lírico”, um poema não deve seguir regras externas ao “eu” interior do poeta. Ele é contra todas as normas sintáticas, semânticas ou poéticas, numa oposição clara aos poetas parnasianos.

Prefere o lirismo, isto é, expressão dos sentimentos do “eu-lírico” livres e espontânea como a dos bêbados e dos clowns de Shakespeare.

Belém do Pará

*Bembelelém
VivaBelém!*

*Belém do Pará porto moderno integrado na equatorial
Beleza eterna da paisagem*

*Bembelelém
VivaBelém!*

*Cidade pomar
(Obrigou a polícia a classificar um tipo novo de delinquente:
O apedrejador de mangueiras.)*

*Bembelelém
VivaBelém!*

*Belém do Pará onde as avenidas se chamam Estradas:
Estrada de São Jerônimo
Estrada de Nazaré*

*Onde a banal Avenida Marechal Deodoro da Fonseca de todas as cidades do Brasil
Se chama liricamente
Brasileiramente
Estrada do Generalíssimo Deodoro*

*Bembelelém
VivaBelém!
Nortista gostosa
Eu te quero bem.*

*Terra da castanha
Terra da borracha
Terra de biribá bacuri sapoti
Terra de fala cheia de nome indígena
Que a gente não sabe se é de fruta pé de pau ou ave de plumagem bonita.*

*Nortista gostosa
Eu te quero bem.*

*Me obrigáras a novas saudades
Nunca mais me esquecerei do teu Largo da Sé
Com a fé maciça das duas maravilhosas igrejas barrocas
E o renque ajoelhado de sobradinhos coloniais tão bonitinhos*

*Nunca mais me esquecerei
Das velas encarnadas
Verdes
Azuis
Da doca de Ver-o-Peso
Nunca mais*

*E foi pra me consolar mais tarde
Que inventei esta cantiga:*

*Bembelelém
VivaBelém!
Nortista gostosa
Eu te quero bem.*

Belém, 1928

O “eu-lírico” propõe-se a inventar uma canção como forma de consolo para suas saudades futuras, quando se ausentar da cidade.

No poema o “eu-lírico” refere-se ao porto, à paisagem, às ruas, ao idioma, às riquezas naturais e arquitetônicas, demonstrando sua admiração e afeto por Belém do Pará.

O autor realmente faz uma canção de amor a Belém, pois nos versos “Bembelelém/ VivaBelém” a preocupação com a sonoridade é nítida, assim como a influência de cantigas infantis (Bambalalão/ Senhor Capitão). Além disso, o emprego da redondilha menor em “Nortista gostosa/ Eu te quero bem” não é ocasional, visto ser a medida empregada nas cantigas medievais, ligadas à música.

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois-

Recife das Revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de

[Dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, mexericos, namoros

[risadas

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

A distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me o botão

(Dessas rosas muito rosa

Terá morrido em botão...)

De repente

nos longes da noite

um sino

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver fogo

Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)

Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...

...onde se ia fumar escondido

Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...

...onde se ia pescar escondido

Capiberibe
— *Capibaribe*
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redomoinho sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos em jangadas de
[bananeiras]

Novenas
Cavalhadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus cabelos

Capiberibe
— *Capibaribe*

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas com a xale vistoso de
[pano da Costa]

E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
A vida como uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam

Recife...
Rua da União...
A casa do meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.

Rio, 1925.

Evocar significa chamar de algum lugar, fazer aparecer chamando de certo modo. O “eu-lírico” evoca no presente a Recife de sua infância, através das lembranças, das brincadeiras e canções infantis, dos hábitos de seu povo, de seus tipos humanos com suas falas, das suas ruas e rios. Essa evocação tem um tom melancólico e triste dado pelos últimos versos, em que se percebe que essa Recife de sua infância, que ele pensava que fosse eterna, está tão morta quanto o seu avô e só é revivida na sua memória, daí seu poema ser uma evocação.

Em *Poética* o “eu-lírico” expõe suas idéias sobre como deveria ser um poema modernista, já em *Evocação do Recife* ele faz uma obra prima modernista de acordo com os objetivos propostos.

O “eu-lírico” descreve não a Recife histórica, libertária, mas a sua amada Recife de infância que lhe evoca um passado feliz, que, no presente, serviria no lenitivo para as dores do poeta Bandeira. É, portanto, um poema altamente lírico, isto é, carregado de sentimentos puros e espontâneos como os dos bêbados (*Poética*) e não tirados dos manuais de cartas, mas da observação de fatos cotidianos brasileiros, das brincadeiras, das enchentes e dos pregões dos ambulantes.

A linguagem é simples, coloquial, pois, segundo o texto, o povo fala gostoso o português do Brasil, que é o empregado no poema. Não há preocupação com rima ou métrica, apenas com a disposição gráfica dos versos e a expressão de um lirismo profundo, de modo a impregnar o presente de sua Recife tão brasileira e inesquecível.

Mangue

*Mangue mais Veneza americana do que o Recife
Cargueiros atracados nas docas do Canal Grande
O Morro do Pinto morre de espanto
Passam estivadores de torso nu suando facas de ponta
Café baixo
Trapiches alfandegados
Catraias de abacaxis e de bananas
A Light fazendo crusvaldina com resíduos de coque
Há macumbas no piche
Eh cagira mia pai
Eh cagira
E o luar é uma coisa só*

Houve tempo em que a Cidade Nova era mais subúrbio do que todas as Meritis da
[Baixada

Pátria amada idolatra de empregadinhos de repartições públicas

Gente que vive porque é teimosa

*Cartomantes da Rua Carmo Neto
Cirurgiões-dentistas com raízes gregas nas tabuletas avulsivas
O Senador Eusébio e o Visconde de Itaúna já se olhavam com rancor*

*(Por isso
Entre os dois
Dom João VI plantou quatro renques de palmeiras imperiais)*

Casinhas tão térreas onde tantas vezes meu Deus fui funcionário público casado
[com mulher feia e morri de tuberculose pulmonar

*Muitas palmeiras se suicidaram porque não viviam num píncaro azulado.
Era aqui que choramingavam os primeiros choros dos carnavais cariocas*

João Gostoso, o personagem anônimo do barracão sem número, bebe, dança, canta e suicida-se na lagoa que embeleza a paisagem.

Assim como Macabéa, de Clarice Lispector, João Gostoso é o herói anônimo que sucumbe à voracidade da cidade grande. Para o autor, não são necessárias muitas palavras, metros ou rimas para compor uma tragédia; os fatos bastam por si só.

É um poema modernista em sua primeira fase: análise crítica da realidade brasileira expressa através de uma linguagem coloquial, sucinta, em que se restringe os fatos, como em uma notícia de jornal.

Profundamente

*Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.*

*No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?*

*— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente*

*Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci*

*Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?*

*—Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.*

Neste poema, o “eu-lírico” relembra das festas juninas de sua infância, que lhe trazem lembranças alegres, mas que terminaram, pois o tempo passou e as pessoas queridas já se foram.

Note no texto a alternância entre a infância e o presente, além da menção da pessoas ligadas à sua infância, tão mencionadas pelo poeta.

É importante salientar a preocupação do poeta na escolha da palavra “profundamente”, que valoriza o poema pela sua sonoridade no refrão, pois há repetição de sons nasais (assonância) e, sozinha, constitui-se numa redondilha.

Vou me embora pra Pasárgada

*Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada*

*Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive*

*E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada*

*Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização*

*Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar*

*E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.*

O “eu-lírico” demonstra seu desejo de buscar um lugar imaginário e ideal para viver como forma de fuga do plano real, que só lhe causa tristeza, infelicidade e vontade de se matar.

Em Pasárgada o “eu-lírico” poderá satisfazer todos os desejos físicos e afetivos (“mulher que eu quero”, “prostitutas bonitas”), e de aventuras (“fazer ginástica”, “andar de bicicleta”, “nadar no mar” etc), que lhe serão facilitados, pois “sou amigo do rei”. Pasárgada é um lugar moderno (tem alcalóide, telefone e método seguro de anticoncepção), onde o absurdo não existe (“vem a ser contraparente/ Da nora que nunca tive”; mãe-d’água conta-lhe histórias) e a Rosa de sua infância está presente.

O poema é construído em redondilha maior, que, junto com a linguagem oral, dá ao texto o ritmo agradável das canções populares, intenção clara do autor; que não fere o Modernismo em virtude dessa intencionalidade.

O Último Poema

*Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse eterno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais*

*Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.*

O último poema de *Libertinagem* expressa os desejos do “eu-lírico” para um último poema (função metalingüística). Ele deveria conter ternura, ardor, beleza e pureza simples, além da paixão dos suicidas que não explicam seus motivos.

CARACTERÍSTICAS DE ESTRELA DA MANHÃ

Estrela da Manhã é composto de 28 poemas, 9 em versos livres, 16 metrificados e 3 poemas em prosa, sendo um deles em francês.

Essa obra marca o início da última fase do poeta, chamada por alguns críticos de pós-modernista. É a fase mais madura de sua obra. Nela, o autor combina o que de melhor havia na tradição (soneto italiano, soneto inglês, rondó, vilancete, sextilha, cantiga etc.) com as conquistas modernas empregadas anteriormente.

Já que o estilo simples, lírico, emotivo e humilde permanece, sendo porém mais fortes o erotismo, os versos surrealistas, a melancolia e a desilusão de viver.

Estrela da Manhã

*Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã*

*Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte*

*Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã*

*Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário*

*Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos*

*Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras*

*Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto*

Depois comigo

*Te esperarei com mafuás novenas cavalcadas comerei terra e direi coisas de uma
[ternura tão simples*

Que tu desfalecerás

*Procurem por toda a parte
Pura ou degradada até a última baixeza
Eu quero a estrela da manhã.*

O poema acima introduz e dá nome ao livro. Permanece o emprego de versos livres e brancos.

O “eu-lírico” anseia pela estrela da manhã perdida e roga por ela com insistência, num tom de ladainha, chegando a pedir ajuda. Não se importa caso ela venha degradada ou pura, ou se tenha se perdido em outras mãos, ele a esperará com festas (“mafuás, novenas, cavalcadas”); fará sacrifícios (“comerei terra”) e será poeta (“darei coisas de uma ternura tão simples”).

Em relação à forma não há preocupação rimática, métrica e nem com a estrofação. Observe que a estrela é tratada por *ela*, *tu* e *vós*. Há o emprego de anáfora (6ª e 7ª estrofes) e imagens surrealistas (5ª estrofe), que parecem brotar do inconsciente do “eu-lírico”.

Trem de Ferro

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Voa, fumaça

Corre, cerca

Ai seu fogista

Bota fogo

Na fornalha

Que eu preciso

Muita força

Muita força

Muita força

Oô...

Foge, bicho

Foge, povo

Passa ponte

Passa poste

Passa pasto

Passa boi

Passa boiada

Passa galho

De ingazeira

Debruçada

No riacho

Que vontade

De cantar!

Oô...

Quando me prendero

No canaviá

Cada pé de cana

Era um oficiá

Oô...

Menina bonita

Do vestido verde

Me dá tua boca

Para matá minha sede

Oô...

Vou mimbora vou mimbora

Não gosto daqui

Nasci no sertão

Sou de Ouricuri

Oô...

Vou depressa

Vou correndo

Vou na toda

Que só levo

Pouca gente

Pouca gente

Pouca gente...

O poema é uma imitação sonora de um trem em movimento.

Sua riqueza está centrada no ritmo e na sua musicalidade, a qual se baseia na métrica, na aliteração e na assonância, além de incluir três canções em seu interior (Oô...Oô).

O ritmo do trem é marcado pelo número de sílabas poéticas do verso; quando é veloz há trissílabos; quando perde velocidade, possui quatro ou cinco sílabas poéticas (“café com pão”).

A linguagem coloquial e as imagens fugidias que passam pela janela do trem e que são percebidas por um “eu-lírico” infantil ou ingênuo aumentam a riqueza do poema.

Tragédia Brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa-prostituta, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso, mudou de casa. Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, a polícia foi encontrá-la caída em decúbio dorsal, vestida de organdi azul.

No texto acima, Misael, 63 anos, homem correto, apaixonou-se por uma prostituta mal cuidada. Tira-a dessa vida e cuida de sua saúde e aparência, instalando-a em sua casa. Assim que se pôs bonita e bem cuidada, ela arrumou um namorado. Misael, pouco afetivo a violências, resolveu mudar-se. A cada namorado novo, nova casa, durante três anos. No final, após 19 mudanças, Misael perdeu a cabeça e matou-a com seis tiros.

É um poema em prosa, em que o poeta, através de frases concisas, demonstra ser aquele que melhor soube ver a poesia, no caso, trágica, presente no cotidiano. A liberdade formal que lhe é característica, leva-o a imitar, no final do poema, a linguagem jornalística, ressaltando dessa forma a ironia presente no texto (“matou-a com seis tiros”).